Aula 7

REVISIONISMO E INOVAÇÕES ANOS 70 E 80

META

Analisar a grande renovação da produção historiográfica especialmente na História Social e História Cultural.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

deverá compreender porque os anos 70 e 80 são, praticamente, um divisor de água no processo de produção histórica, consequentemente, da evolução da historiografia brasileira.

PRÉ-REQUISITOS

Ter compreendido as aulas 5 e 6. Assim saberá avaliar as mudanças (novos temas, novas abordagens, novos métodos) no processo de produção do conhecimento histórico nos anos 70 e 80.

Maria Nely dos Santos

INTRODUÇÃO

Agora que atingimos a sétima aula, arrisco dizer que você já consegue encontrar a diferença entre história e historiografia. No andamento da historiografia brasileira, ou seja, na história da história, você já pode constatar dois grandes momentos: um que diz respeito a busca de historiadores para escrever a História da Nação (Brasil) e outro que acabamos de estudar na 5ª e 6ª aula, marcado pela ruptura com a escrita da história tradicional e conservadora realizada pela "Geração de 1930".

Nesta aula, é fundamental que você perceba e acompanhe a acentuação das mudanças nos anos 70 e 80 do século XX que se processavam desde os anos 60, em outras palavras a emergência do "Novo". Essa chegada do "novo" no conhecimento histórico é resultante em grande medida da chamada "crise da modernidade" e da forte influência da Nova História no universo dos historiadores.

Que novidades seriam essas? Vamos enumerá-las: 1º) diferente da historiografia tradicional a historiografia moderna dialoga com as ciências sociais; 2º) o interesse por toda a atividade humana, ou seja, tudo tem história; 3º) preocupação com a análise das estruturas; 4º) a historiografia tradicional oferece uma visão de cima, ao passo que os historiadores da Nova História têm interesse na "história vista de baixo", com as opiniões das pessoas comuns; 5º) segundo o paradigma tradicional, "sem documentos não há história" agora o enunciado é "sem problemas não há história" porque é o problema e não a documentação que está na origem da pesquisa.

Todas essas novidades não alcançam diretamente algumas áreas da história, tais como história social, história política, história econômica, história cultura (história das mentalidades).

Não há espaço para longas conversas sobre a história das mudanças, sobretudo da Nova História caracterizada pela ampla abertura temática.

Diante dessa revisão e reconstrução dos conceitos de homem, de humanidade e de história, as perspectivas historiográficas são outras e múltiplas.

Nesta aula apenas serão analisados alguns aspectos da História Social e História Cultural.

Então, tenha uma proveitosa aula.

Capa do Livro de Peter Burke, o que é História Cultural.
(Fonte: http://meusebinho.blogspot.com.br).

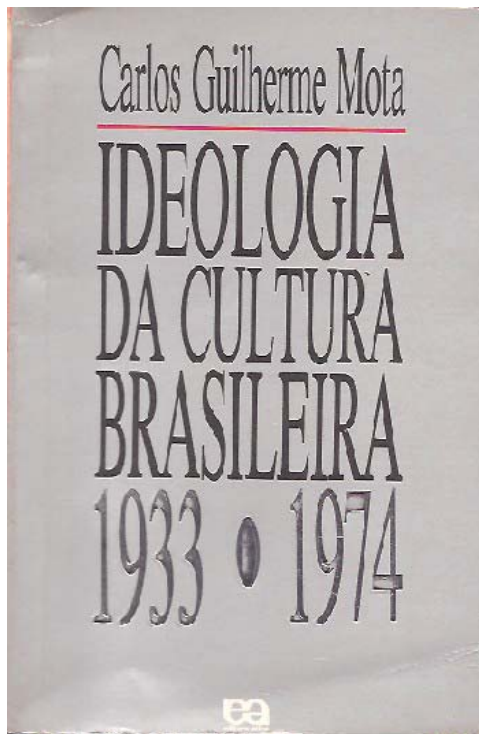
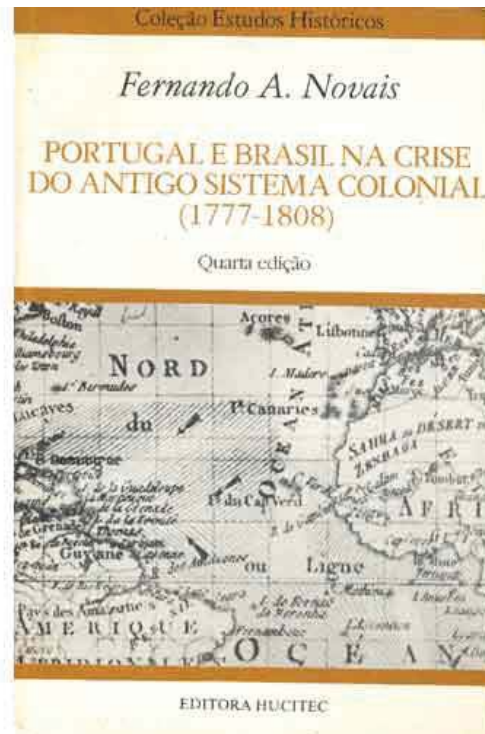
Capa do livro História Social da Infância no Brasil organizado por Marcos César de Freitas
(Fonte: http://www.bjsantos.com.br).

APRIMORANDO FERRAMENTAS, REVISTANDO CONCEITOS E CATEGORIAS

Para que ninguém esqueça que estamos estudando um período pleno de mudanças e reviravoltas, a historiadora Lídia Passas tece um comentário bem adequado: "o historiador está inserido em um tempo que constantemente lhe sugere novas questões, gerando muitas vezes o desconforto da exigência de retornar antigas perguntas e rever procedimentos, embora haja também a satisfação de realizar a revisão de muitas certezas que tinha sobre a história de um passado recente. [...] È lícito afirmar que a historiografia contemporânea representa-se renovada e significativamente alargada perante aquela instaurada a partir do século XIX, em que primava a visão homogênea de mundo, de realidade linear quanto à perspectiva do processo histórico" (POSSAS, 2008: 189, 190).

Afinal que novidades e ou mudanças podem ser apontadas para os anos 70?

Com o sub-título "A Renovação Marxista e a historiografia da Revolução" constante do texto geral A "nova" historiografia brasileira onde Margareth Rago descreve que houve "a explosão de uma expressiva produção historiográfica quando já está ocorrendo e são percebidos "os sinais de esgotamento do marxismo como modelo privilegiado de interpretação do passado, passando-se a discutir nos anos 70, o universo mental e as ideologias nas análises históricas da realidade brasileira".

Dois livros são destacados: Em 1977, foi publicado *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)*, de Carlos Guilherme da Mota, que, fundamentado no marxismo, analisa "*as tendências ideológicas da produção cultural brasileira ao longo de várias décadas*". Em 1978, Fernando Novais lança Portugal nos quadros do antigo sistema colonial objetivando compreender as estruturas econômicas predominantes do Brasil Colônia.

Capa do Livro Ideologia da Cultura Brasileira de Carlos Guilherme Mota
(Fonte: http://www.rsraridades.com.br)

Capa do Livro de Fernando A. Novais, Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema colonial.
(Fonte: http://desenvolvimentoemquestao.wordpress.com).

Volto a frisar que não é objetivo dessa disciplina descrever a história da história social fora e dentro do Brasil. Daí, muito que aqui será exposto trata-se de uma síntese do texto História Social, de Hebe Castro e de outras autoras.

A propósito escreveu a historiadora Hebe: "Ao contrário da tradição européia, aqui as ciências sociais organizaram-se pioneiramente no mundo acadêmico, especialmente na Universidade de São Paulo. [...] Temática e teoricamente, a história social em sentido restrito nasceria no Brasil, criativamente sintonizada com as discussões que se desenvolviam em nível internacional. Em torno de Florestan Fernandes, a chamada Escola Sociológica Paulista desenvolveria, entre outros temas, o primeiro conjunto de trabalhos acadêmicos voltado para uma história social do negro e da escravidão". (CASTRO, 1997:55). Dentre inúmeros trabalhos cite-se: A integração do negro na sociedade de classes (1965) de autoria de Florestan Fernandes; As metamorfoses do escravo. Apogeu e crise da escravidão no Brasil (1962) de Otávio Ianni; e *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional* (1962), de autoria de Fernando Henrique Cardoso.

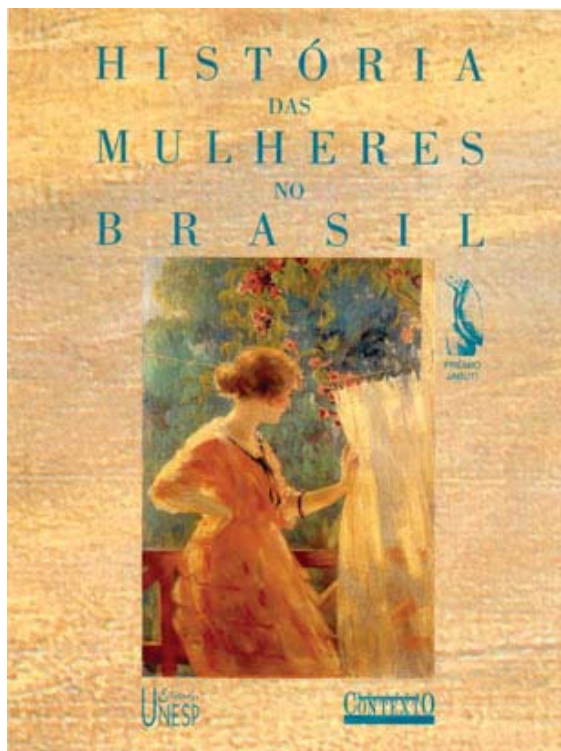
A partir da década de 70, e principalmente na de 1980, com a expansão e consolidação de pós-graduação, os problemas de discussões características da História Social ganharam novos contornos e definições. Nessa perspectiva, duas grandes áreas merecem atenção: a história social da família e a história social do trabalho. Importante observar que estas áreas de especialização possibilitam outros desdobramentos ou sub-grupos. No Brasil, a história da família ganhou impulso (1980) com o desenvolvimento da demografia histórica como base metodológica. Por conta disto, surgiram vários trabalhos e discussões sobre a família escrava, o significado da família para os cativos e como se dava a reprodução da sociedade escravista, etc. Nesta direção, veio de Roberto Slenes, Lares, Negros, *Olhares Brancos: Histórias da Família Escrava no Século XIX*; ENI Mesquita escreveu *A História da Família no Brasil* e Ana Maria Lugão escreveu *Família e Transição: famílias negras em Paraíba do Sul* (1827-1920).

Dois outros sub-grupos também são incluídos na História da Família e a história da Mulher e da Sexualidade.

A EMERGÊNCIA DA HISTÓRIA DAS MULHERES

Atualmente, não há o que se questionar: a história das mulheres é uma prática estabelecida em várias partes do mundo. Nem sempre foi assim. Invisível durante séculos, somente nos anos de 1980, o tema finalmente emergiu como um campo definido de pesquisa para os historiadores. Antes destes, são as feministas que descobrem que as mulheres tem história. Dada a impossibilidade de narrar essa história desde seu período constitutivo, indicamos três momentos que ajudam a situar a questão: a) a década de 60, marcada pela conexão entre a história das mulheres e a política feminista. B) entre a metade e o final da década de 70 a história das mulheres separa-se da política ampliando seu campo de questionamento, registrando os aspectos da vida das mulheres do passado; c) por fim, na década de 80, com a introdução da categoria "Gênero", há um rompimento definitivo com a política, propiciando a emergência deste campo de estudo e consequentemente, o seu próprio espaço. Assim, nasce a história das mulheres como uma história especializada (SCOTT, 1992, 64).

Portanto "entrar para a história" não foi fácil e muito menos gratuito. "A antiga forma de escrever a História, costumeiramente chamada de "positivista" ou as vezes "empirista", dava destaque a personagens em geral masculinos. [...] Depois que as historiadoras e os historiadores passaram a seguir a tradição da historiografia dos Annales - que pretendia ampliar o leque de fontes e observar a presença de pessoas comuns, tornou-se mais fácil escrever uma história que incluísse mulheres (PEDRO, 2008 : 172).

Um balanço rápido e geral a historiografia sobre a mulher permite constatar que bom número de pessoas tem se debruçado sobre a história das mulheres.

Capa do livro História das mulheres no Brasil. coletânea de ensaios organizados por Mary del Priore e Carla Bassanezi e publicado pela Editora Contexto de São Paulo (2004).
(Fonte: http://stravaganzastravaganza.blogspot.com.br).

Segundo a historiadora Joana Maria Pedro,

> na trilha da História das Mulheres, muitas pesquisadoras e pesquisadores têm procurado destacar as vivências comuns, os trabalhos, as lutas, as sobrevivências, as resistências das mulheres no passado. Destacam-se no plano internacional da historiografia, os nomes de Michelle Perrot, Georges Duby, Francoise Thébanud, Joan Scoltt, June Hanner, Natalie Zemon Davis (PEDRO, 2008: 174).

Que tal conferir alguns lançamentos da década de 80 e dos anos 90

1. Do Cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar de Margareth L. Rago (1985).
2. A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX. Org. de Miriam Moreira Leite (1984).
3. Honradas e devotas: Mulheres da colônia, condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil de Leila M. Alegrante (1993).
4. Cotidiano e Poder em São Paulo, o século XIX de Maria Odila da Silva Dias (1984).
5. Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque de Martha de Abreu Esteves (1989).

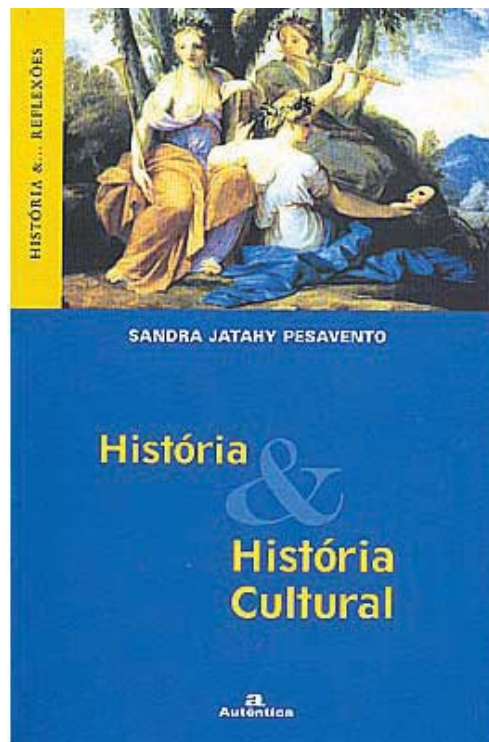
6. As mulheres, o poder e a família de Em de Mesquita Sâmara (1989).
7. O avesso da memória: cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII (1993) de Luciana Figueiredo.
8. História das Mulheres no Brasil, org. por Mary Del Priore (1997).
9. Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia. Mary Del Priore (1993).

Concluindo nossa aula de hoje, comentaremos, sucintamente, sobre A *História Cultural*. O objetivo é pontuar os momentos em que as questões materiais e as formas culturais tornaram-se objeto de estudo.

HISTÓRIA CULTURAL

Entre as década de 1970 e -1980, os aspectos culturais foram se constituindo em objeto de investigação da história, muito embora a cultura ainda não fosse considerada campo definido de investigação que se pudesse denominar de História Cultural.

Ronalfo Vainfas, estudioso da problemática da cultura no âmbito da historiografia brasileira, em seu texto História das Mentalidades e História Cultural, traçou panorama da transição da história das mentalidades à história cultural.

Além de Ronaldo Vainfas, podemos citar Sandra Jatahy Pesavento, que aponta, em seu livro História e História cultural, a constituição do campo de preocupações e pesquisas com a cultura.

Capa do Livro de Sandra J. Pesavento, História e História Cultural
(Fonte: http://www.autenticaeditora.com.br).

NOVA HISTÓRIA CULTURAL

Que diferença há entre a História Cultural e a Nova?

Para o filósofo José Lombardi, o adjetivo nova para a já adjetivada história cultural é usado para expressar que antes dela havia uma Velha e Tradicional abordagem histórica da cultura. Também para indicar que se está dando um novo encaminhamento para o aporte histórico da cultura (LOMBARDI, 2006: 180).

Acatando sugestão de Lombardi melhor deixar Sandra Jatahy Pesavento esclarecer:

Se a História Cultural é chamada de Nova História Cultural [...] é porque está dando a ver uma nova forma de a História trabalhar a cultura. Não se trata de fazer uma História de Pensamento ou de uma História Intelectual, ou ainda mesmo de pensar uma História da Cultura nos velhos moldes, a estudar as grandes correntes de idéias e seus nomes mais expressivos. Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados, construídos pelos homens para explicar o mundo. (PESAVENTO, 2003: 14-15).

Enfim, deve-se a nova história uma ampliação da cultura como tema de pesquisa e de elaboração teórica. Aplicando uma das três maneiras distintas de tratar a história cultural, ou seja, a praticada por Carlo Ginzburg, por Roger Chartier ou a praticada por Edward Thompson, a pesquisa nesta área atingiu no Brasil uma situação de destaque.

Finalizando, ilustramos, abaixo, a aula indicando alguns livros para sua leitura:.

. O diabo e a Terra de Santa Cruz (1986), de Laura de Mello e Souza.
. Trópicos dos pecados (1989), de Ronaldo Vainfas.
. Meretrizes e doutores (1989), de Magaly Engel.
. Os prazeres da Norte (1991), de Magareth Rago.
. Ser escravo no Brasil (1982), Katia Mattoso.
. Campos da Violência (1988), Silvia Hunold Lara.
. Visões da Liberdade (1990), Sidney Chalhoub.

CONCLUSÃO

Vamos concluir, enfatizando dois pontos: havendo possibilidade, procure aprofundar esta aula lendo o texto "Caminhos e Descaminhos da História" de Ronaldo Vainfas observando seu comentário sobre o balanço historiográfico efetuado por Ciro Cardoso. São identificados dois grandes paradigmas: o iluminista e o pós moderno. Neste balanço ele aponta os destinos das Histórias Econômica, Social, Política, e das Mentalidades.

O outro ponto é você atentar para o surgimento de grupos e subgrupos oriundos das História Social e da Nova História Cultural, provocando um alargamento do campo conceitual e a busca por novas formas de operar a produção do conhecimento histórico.

RESUMO

A presente aula tratou, brevemente, sobre as mudanças, as novas tendências da historiografia brasileira, especialmente a partir do diálogo com as ciências sociais. Sem entrar em detalhes sobre história das histórias social e cultural, foi traçado um panorama geral das características das duas áreas de estudo.

O ponto alto e a indicação de uma bibliografia atualizada que você terá a disposição quando escolher objetos de investigação no campo sócio-cultural possibilitando uma discussão epistemológica rica e complexa sobre a pesquisa histórica atual.

ATIVIDADES

Procure um dos livros indicados seja referente a História das Mulheres ou a História Cultural. Leia um capítulo do livro escolhido e produza um texto de uma lauda (1 página) comentando a exposição do autor ou autora sobre o assunto.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

O objetivo é reforçar para o aluno(a) o porquê do estudo da história das mulheres ter acontecido a partir dos anos 70 e 80.

PRÓXIMA AULA

As influências na Historiografia brasileira

REFERÊNCIAS

CASTRO, Hebe. História Social. IN: CARDOSO, C.; VAINFAS, R. (orgs.). **Domínios da História.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

LOMBARDI, José Claudinei. História, Cultura e Educação (aportes marxistas). IN: LOMBARDI, J. C.; BITTENCOURT, A. M.; MAGALHÃES, L. (orgs). **História, Cultura e Educação.** Campinas: São Paulo: autores associados, 2006.

PEDRO, Joana Maria. Historicizando o Gênero. IN: **O historiador e o seu tempo.** Op.cit 2008.

PESAVENTO, Sandra J. **História e História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

POSSAS, Lidia M.V. Gênero, Mulher e Mulheres: aprimorando ferramentas e retomando narrativas em outro tempo ... IN: **FERREIRA, A. C.; BEZERRA, H.; LUCA, T. R. de (orgs). O historiador e seu tempo: encontro com a história. /Antônio Celso Ferreira, Holien Bezerra, Tânia Regina de Luca São Paulo: editora UNESP: ANPUH, 2008.**

RAGO, Margareth, www.ufrgs.br/pphist/anos90/11art5pdf.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. IN: BURKE, Peter (org). **A escrita da História: novas perspectivas.** 1992.